

LAT-2382

*ANÁLISE E REESTRUTURAÇÃO DE ESPAÇO FÍSICO EM BIBLIOTECAS:
ESTUDO DE CASO DA SITUAÇÃO FUNCIONAL E ADMINISTRATIVA DA BIBLIOTECA
DA EA/UFMG - PROPOSIÇÃO DE SOLUÇÕES EMERGENCIAIS.*

Vânia Regina Peres Drumond
Biblioteca da Escola de Arquitetura/UFMG
Rua Paraíba, 697 - Funcionários
30.130-140 Belo Horizonte - MG Brasil
E-mail: vania@arq.ufmg.br

Renato César Ferreira de Souza
Departamento de Projetos da EA/UFMG
E-mail: rcesar@arq.ufmg.br

Ângela Maria de Melo Garcia
Departamento de Projetos da EA/UFMG
E-mail: angela@arq.ufmg.br

Moema Brandão da Silva
Biblioteca da Escola de Arquitetura/UFMG
E-mail: moe@arq.ufmg.br

Paulo Mariano Eulálio Campos
Biblioteca da Escola de Arquitetura
E-mail: paulo@arq.ufmg.br

RESUMO

Relata a reestruturação do espaço físico da Biblioteca da Escola de Arquitetura da UFMG, através da análise da funcionalidade dos serviços, espaços e recursos existentes visando a identificação das necessidades e as proposições econômicas para o seu reaproveitamento e otimização.

A metodologia adotada baseou-se em técnica específica de fotodocumentação, observação e relatos, identificando e avaliando os conflitos existentes entre usuários/funcionários e espaços utilizados. Esses conflitos, descritos sistematicamente na forma de um antagonismo entre atividades e o ambiente construído revelam objetivamente a ausência ou inadequação de elementos espaciais.

Descreve as modificações realizadas e a criação de novos espaços, bem como a preocupação em seguir normas de adaptação de ambientes para o livre acesso de portadores de deficiências físicas.

Ressalta a importância de participação da Comissão da Biblioteca para impulsionar o projeto junto a Diretoria da EA/UFMG e conseguir patrocínio com instituições e empresas viabilizando a doação de materiais e disponibilização de mão-de-obra especializada para concretização da reforma.

Os resultados obtidos são relatados, e estão ainda em fase de reavaliação, mas já permitem revelar algumas melhorias.

1. INTRODUÇÃO

1.1. *UM BREVE HISTÓRICO DA BIBLIOTECA*

Criada em 1949 e tendo como base uma pequena coleção organizada e controlada pelo Diretório Acadêmico desde 1947, a Biblioteca da Escola de Arquitetura - EA/UFMG reúne atualmente um acervo de 13.500 títulos e 23.000 exemplares de livros já disponíveis em base de dados e 77 assinaturas correntes de periódicos nacionais e estrangeiros nas áreas de Arquitetura, Urbanismo e afins. A Biblioteca atende à comunidade em geral tendo em vista que é um ponto de referência em seu campo, pois apresenta o principal acervo com características acadêmicas que cobrem as diversas áreas e subáreas do conhecimento, principalmente no campo definido pela interdisciplinaridade, qual seja, a integração da Arte, Ciência e Tecnologia.

A Biblioteca da EA/UFMG conta com recursos humanos, físicos e financeiros reduzidos, por tratar-se de instituição acadêmica federal que vem sofrendo os efeitos das políticas públicas de educação superior, período crítico nos últimos anos.

A preocupação com o espaço físico adequado para a Biblioteca teve início em 1982, quando os primeiros projetos foram elaborados para suprir a necessidade de mudança de posição do mobiliário (lay-out) e reordenação das rotinas de funcionamento, resultando na ampliação de sua área física.. Essas mudanças ocorreram mais de uma vez, e gradativamente o espaço físico foi sendo configurado. A área que inicialmente era de 758,08 m² é hoje de 865,40 m².

Um dos projetos arquitetônicos para a melhoria do espaço físico da biblioteca propunha a incorporação de um módulo correspondente a 107,32 m², que era a área do restaurante sediado na Escola de Arquitetura da UFMG e que foi desativado. O ambiente do restaurante era contíguo e o projeto foi aprovado inicialmente. As obras foram iniciadas com a demolição

das paredes internas ao restaurante, mas foram suspensas devido a necessidades consideradas de maior prioridade pela Diretoria de então. O projeto arquitetônico foi reelaborado pela professora e arquiteta Ângela Garcia, autora da primeira proposta arquitetônica de modificação do espaço, numa tentativa de redução de custos. Mesmo assim não foi executado, sob as mesmas justificativas anteriores.

Em decorrência disso, a Administração da Biblioteca reuniu-se com sua Comissão, formada por representantes de alunos e professores dos diversos Departamentos que têm por função discutir e aconselhar sobre as principais políticas e decisões da biblioteca. Essa comissão iniciou no segundo semestre de 1997 um processo de análise da situação e de elaboração de propostas para o reaproveitamento e otimização dos espaços e recursos existentes, tendo em vista o projeto arquitetônico proposto inicialmente.

1.2 SITUAÇÃO INICIAL DO ESTUDO

O processo de reflexão instaurado deveria levar em conta a realidade administrativa da Escola e da Universidade, o que significava, dentre outras coisas, lidar com recursos cada vez mais escassos para necessidades crescentes. Uma das estratégias adotadas foi a de analisar como antigas necessidades físicas e administrativas foram enfrentadas no passado, mas se persistiam no presente, mesmo com a existência de adaptações espaciais e atividades temporárias para satisfazê-las. Tais adaptações eram uma soma de arranjos e implementos que os estudantes, professores e funcionários faziam cotidianamente durante o desempenho de suas atividades, visando superar conflitos decorrentes *das próprias atividades*. Esses conflitos ficavam, ora mais, ora menos evidentes e estavam relacionados às essências de cada objeto e das próprias atividades desenvolvidas dentro da biblioteca. Observou-se, desse modo, uma crescente complexidade e sutileza dos problemas que deveriam ser atendidos pelo programa de necessidades para a reforma do espaço físico. Essas necessidades estavam atendidas pelo

projeto na medida do possível, mas parecia não haver, por parte da comunidade acadêmica, a consciência do valor e significado da complexidade a que as soluções remetiam.

O projeto arquitetônico elaborado já contemplava mudanças no âmbito organizacional e administrativo mas demandava de um maior detalhamento dessas mudanças. Isso levava a pensar também na necessidade de mudança dos hábitos dos usuários, da imagem mental que eles possuíam da biblioteca, das rotinas de trabalho dos funcionários, etc.. *Pareceu-nos que se tratava de reformar não só o espaço físico mas também a maneira através da qual esse espaço físico era pensado, imaginado, cuidado e utilizado por todas as pessoas da comunidade.* Era impossível não pensar numa alteração de aspectos rotineiros da administração bem como no hábito dos usuários. Não se tratava de reformular as rotinas básicas definidas por instância superior da UFMG, mas de rever a maneira como essas rotinas estavam ali no espaço, naquela Escola. Isso poderia parecer trivial, uma vez que os arquitetos normalmente tentam atender de modo simples e rápido, muitas vezes passivamente, às necessidades dos usuários.

As necessidades observadas remetiam a um panorama mais complexo, onde as categorias “*espaços*” e “*atividades*” eram inseparáveis, sem que houvesse nenhuma precedência de uma sobre a outra. “*Atividades*” e “*espaço*” foram tratados como espacializações, conceito que se detalha no item “*metodologia*”. As espacializações são resultados das atividades das pessoas, resultados das suas interações, umas com as outras, e delas com as coisas, através das atividades no espaço. As espacializações permitem a leitura de que algumas atividades estão em conflito umas com as outras, a partir das adaptações cotidianas que são feitas para tentar solucionar os conflitos. Permitem a constatação de que uma atividade está sendo executada com dificuldade e desgastes desnecessários, devido ao mal funcionamento ou à ausência de algum elemento espacial.

A espacialização foi compreendida, inicialmente, do mesmo modo como TUAN (1980), ao explicar o seu conceito de “percepção”. Segundo aquele autor, observar o modo como as pessoas constroem e organizam e se portam no espaço é o mesmo que observar sua capacidade de perceber o mundo, sua sensibilidade e cultura. Ou seja, a “percepção” é algo que pode ser considerado concretamente, visível, “encastado” no modo como o meio ambiente é construído e modificado.

Quando tratávamos de ler as espacializações que se apresentavam na biblioteca, uma simples persiana sobre a janela com os seus vidros recobertos com papel craft já indicava que nem a persiana funcionava bem e nem a atividade exercida ali suportava o sol matutino. Essa constatação era óbvia aparentemente, mas a técnica da leitura das espacializações mostrou sutilezas que as abordagens não sistematizadas não revelariam. Era o caso, por exemplo, dos escaninhos situados logo à entrada, bem à vista do balcão de atendimento. Esses escaninhos possuíam chaves cedidas temporariamente para a guarda de objetos dos usuários. Muito embora houvesse um cartaz explicando a impossibilidade de garantir a segurança de pertences deixados fora dos boxes fechados ou sobre o escaninho, a sensibilidade dos estudantes levá-los a deixar o material largado e à mostra, numa atitude de confiança em que o funcionário, do balcão, estaria sempre atento contra furtos eventuais. E isso não era, de modo algum, atribuição do funcionário ao mesmo tempo em que lhe perturbava o desempenho das atividades e não garantia nenhuma segurança.

A falta de visibilidade para alguns setores de uso coletivo, quando conformava territórios delimitados e privados em algumas mesas era outro exemplo. A percepção dos usuários era a de que poderiam manter conversas em fala mais alta, por não estarem sendo vistos e não poderem ver os demais.

Outro fenômeno constatado foram os valores relacionados à caracterização do ambiente de trabalho. A aparência de determinados setores era a de desordem, como consequência de

diversos conflitos. O setor de restauro de livros era o exemplo mais crítico. Ficava no meio do corredor de acesso à administração e era uma adaptação, mas deixava à mostra toda a natural desordem de objetos e livros necessários para a atividade. Isso contribuía para que aquela aparência de desordem desestimulasse maiores cuidados que poderiam melhorar a ambiência ao setor. “*Com aquela bagunça, para quê enfeitar ou colocar um quadro na parede?*” foi uma das frases registradas que revelou o quão afetadas estavam as diversas percepções, restritas às adaptações que tentavam solucionar de modo não sistemático os conflitos. A ambiência é mais que a atitude de enfeitar e revela o cuidado e a identidade dos indivíduos com o espaço, demonstrando o quanto se sentem em casa, habitando com plenitude o seu lugar de trabalho.

Os sucessivos adiamentos para a execução do projeto arquitetônico inicialmente proposto para a biblioteca significavam simultaneamente uma realidade de imperativos administrativos mais urgentes, ao mesmo tempo em que revelavam a prioridade secundária com que a demanda era percebida. Outras questões administrativas, em diversas instâncias, permitiam uma interpretação que mostrava um conjunto de valores que atingiam o modo de pensar o espaço da biblioteca, seu valor e propriedade. Todo esse cenário refere-se ao modo como o espaço era considerado ou não como próprio da comunidade. E como a comunidade integra-se num mesmo espaço através de diferentes grupos organizados em diferentes ordenações temporais, de classe e poder¹, a idéia da biblioteca como lugar apropriado era também diferenciada para os diversos grupos. Para os estudantes a apropriação era evidente, inclusive com a suspeição de que a biblioteca fosse o espaço mais concorrido por eles. Para outros, entretanto, a significação do espaço era de ordem administrativa, com o ajuizamento sobre quais medidas deveriam ser implementadas, criticando-se as constantes demandas da manutenção do espaço. Todos esses elementos evidenciavam que a apropriação da biblioteca

estava comprometida com os diversos conflitos que lá ocorriam. Torná-la um lugar próprio para os diversos grupos significava tornar o processo de pesquisa participativo, consultando a comunidade.

Ficava claro que nenhuma proposição de mudança espacial se concretizaria, a menos que trouxesse para a objetividade a totalidade dos modos como os seus usuários tinham uma idéia mais ou menos coincidente sobre o que aquele espaço *deveria ser*. Isso poderia ser pesquisado, por hipótese, observando-se os conflitos entre *o que representava o padrão cultural* de uma biblioteca e *o que cada indivíduo daquela comunidade pensava que esse padrão devesse ser*. Tratava-se, portanto, de considerar o projeto arquitetônico não apenas como um desenho no papel mas como resultado onde cada atividade seria considerada em sua razão de ser, espacial e administrativamente.

Ao final do processo, a Comissão apresentou à Diretoria da Escola um documento contendo a análise da situação funcional do espaço físico da biblioteca com alternativas para *soluções emergenciais*, sem nenhum ônus financeiro para a Escola. Verificou-se que o espaço existente carecia de ambientação adequada ao seu funcionamento, tanto no que se refere à acomodação dos livros, quanto à sua organização funcional (setores administrativos, de serviço e de uso público mal dimensionados e setorizados). Optou-se então pela solicitação de patrocínios a empresas e instituições. Houve o envolvimento de toda a comunidade acadêmica com o problema, uma vez que a Biblioteca da EA/UFMG constitui o espaço de encontro e desenvolvimento do conhecimento, da pesquisa e da extensão, exemplo de integração para outras bibliotecas de universidades brasileiras.

¹C.f. RAPOPORT, 1972. O autor observa a sobreposição de estatutos espaciais e ordenações temporais diferenciadas. Os indivíduos não se separam somente com a distância no espaço, mas, num mesmo espaço, podem estar separados pelo tempo, pela classe a que pertencem, pelo poder que detêm, etc.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Reestruturar o espaço físico da Biblioteca da EA/UFMG.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar as necessidades emergenciais segundo aspectos administrativos e do uso do espaço de trabalho;
- Realizar uma análise crítica do uso do espaço e equipamentos de serviços, detectando os conflitos existentes;
- Propor soluções de modernização mantendo os custos em níveis os mais baixos possíveis;
- Otimizar gastos através de parcerias com instituições e empresas públicas e privadas;
- Possibilitar a participação dos diversos segmentos da comunidade na nova configuração espacial, através de métodos participantes, proporcionando maior conforto e facilitando o acesso à Biblioteca.

3 MARCO TEÓRICO

Na experiência individual e subjetiva, em determinadas circunstâncias ocorre a noção de que alguns espaços são habitáveis tal como a casa. Popularmente essa noção é utilizada quando alguém se expressa dizendo que "se sente em casa" estando no trabalho, em um

restaurante com amigos, ou em espaços mais públicos como uma biblioteca. Isso significa que as pessoas se sentem habitando aquele lugar e que a matriz do habitar é a casa. O panorama cultural antecede a atitude de construir o habitar, nos diz HEIDEGGER (1962) "*não habitamos porque construímos, mas construímos e temos construído porque habitamos, isto é, porque somos habitantes*". O lugar onde primeiro nos sentimos em casa, é, portanto, a cultura. O estudo do espaço arquitetural nos mostra que ele é um utensílio, um objeto utilitário, pois é a transformação de objetos materiais em um equipamentos para ajudar o homem a habitar. Os equipamentos têm atributos e qualidades além das propriedades da matéria natural de que são feitos. Eles são para fazer algo, possuindo um significado que só é válido no contexto cultural onde são utilizados. Portanto, a qualidade principal de um equipamento, um objeto utilitário, é aquela para a qual ele foi forjado, só podendo ser apreendida em termos predicativos. Nesse sentido falamos da "equipamentabilidade" dos objetos utilitários. A "equipamentabilidade" revela a essência desse objeto, e se perguntamos para o quê é o espaço arquitetural, a resposta será: *ele é para habitar*. A habitabilidade, portanto, é a qualidade que deve ser buscada em qualquer espaço arquitetural e o espaço da biblioteca foi estudado, buscando medidas que lhe conferissem habitabilidade. É necessário, então, compreender as dimensões do fenômeno da habitabilidade e os fenômenos existenciais. Os fenômenos existenciais revelados na habitabilidade do espaço arquitetural como um objeto utilitário² são, a territorialidade, a privacidade, a identidade e a ambiência. A existência do homem supõe que ele se separe de um exterior, criando um território interior que lhe é próprio. Ao delimitar esse território, ele controla suas relações com o resto do mundo, ou seja, sua privacidade. O interior é apropriado pelo homem, que lhe confere ambiência que pode ser entendida como conforto, adequação, funcionalidade, beleza. O exterior é caracterizado de modo a se tornar uma aparência distinta e idêntica só a si mesma, uma qualidade que

²Cf. KOROSÉC-SERFATY, [s.n.t.].

denominamos identidade. Portanto, esses atributos constituem a essência do objeto utilitário que denominamos espaço arquitetural e lhe conferem habitabilidade. Os fenômenos revelados no estudo do espaço arquitetural mostram que o arranjo dos elementos espaciais pode ser lido como espacializações³. A leitura de espacializações é basicamente um procedimento no qual são considerados todos os registros a respeito do espaço arquitetural em estudo (fotos, mapas, plantas, desenhos, entrevistas) observando a presença de conflitos entre as formas sociais e os elementos espaciais ausentes ou inadequados, que afetam a habitabilidade. Esses conflitos devem ser descritos exhaustivamente e isso é uma característica importante do método aplicado, nos termos de uma abordagem fenomenológica, que é o marco teórico para a técnica de leituras de espacializações.⁴

4. METODOLOGIA

Na leitura das espacializações, o processo de descrição dos fenômenos observados deve considerar a dimensão existencial do observador. Esse procedimento, denominado *observação participante* na metodologia do trabalho científico, foi o modo de registrar os fenômenos para identificar as situações de conflito entre as pessoas e o espaço. Entretanto, ficou claro que não há nenhuma forma de registro que garanta a conquista ou que torne patente o sentido do que se descreve, porque esse sentido se revela de diversas maneiras, em diversas aparências.

³ Espacializações são maneiras de dar forma física aos fenômenos relacionados ao habitar, ou seja, são produtos concretos da existência do homem no espaço, o modo pelo qual ele modifica esse espaço para torná-lo habitável.

⁴ Acerca desse processo, CRITELLI indica que a abordagem fenomenológica instaura um modo distinto das demais ciências para olhar e descrever os objetos estudados. A observação do objeto a ser pesquisado se dá, segundo ela, através de um olhar que interroga e que "não é algo que é levado adiante apenas pelos outros para quem o interrogador dirige seu olhar. Nem mesmo as coisas que (o observador) quer compreender em sua significação existencial estão diante dele, como coisas lá, em si mesmas. O interrogador faz parte do que ele quer saber e do que ele pode ver. Ele é um elemento constituinte desse olhar em que tudo o que é tem chance de aparecer, mesmo como mera testemunha. O interrogador do real deve dispor a si mesmo como alguém a quem deve voltar sua interrogação. Esse mesmo real que ele quer conhecer só chega a ser, inclusive, pelo seu olhar. Este olhar do interrogador é [...] um olhar plural do qual fazem parte todos aqueles com quem ele mesmo é-no-mundo." (CRITELLI, 1996:134)

Como afirma CRITELLI (1996:136),

"Tudo vale: visitas, gravações, entrevistas, vídeos, fotos, escritura de memórias, desenhos [...] só não vale é acreditar que o apanhado pelo instrumento de registro, por si, revele a totalidade do buscado, nem mesmo que ele se transforme no próprio buscado, isto é, que tome o seu lugar. Pode ser que ali se inscreva uma faceta do real, mas essa mesma faceta pode ser um parecer ser, ou uma aparência do real, ou só sua mera aparência."

Foram feitas leituras de espacializações na biblioteca e a descrição dos conflitos foi então relacionada aos fenômenos do habitar, ou seja, à territorialidade, à privacidade, à identidade e à ambiência. Essas leituras foram feitas para permitir esclarecer de que modo os elementos espaciais poderiam ser alterados ou propostos para promover uma melhoria efetiva da habitabilidade.

Durante um período de 4 (quatro) semanas foram recolhidos registros de aspectos considerados conflitos. Fotos, desenhos, relatos, entrevistas incidentais, documentos, compunham o material recolhido. Em seguida, foram enunciados os conflitos e preocupou-se em descrevê-los detalhadamente. Essa descrição permitiu verificar como cada conflito se relacionava à territorialidade, privacidade, identidade e ambiência, identificando o elemento espacial ausente ou em mal uso. Aqueles que estavam em mal uso relativamente ao contexto, foram remanejados, buscando-se solucionar o conflito. Foi o caso do mobiliário, especificamente.

5 RESULTADOS

Os aspectos ambientais foram registrados através de fotodocumentação e relacionados aos relatos recolhidos com estudantes, professores e funcionários.

Os conflitos territoriais observados na biblioteca referiam-se à áreas difusas, de limites imprecisos, com obstáculos para o seu cruzamento ou ainda áreas de códigos territoriais não respeitados pelos usuários que desconheciam o território e sua história.

A privacidade foi pesquisada na sua relação direta com os demais fenômenos. Áreas internas de pouca visibilidade conferiam mais privacidade e retiravam o código coletivo do território, estimulando reuniões barulhentas e causando desconforto para os demais usuários. Nas áreas administrativas, a concentração no trabalho era prejudicada em sua privacidade pela ausência de isolamento acústico, desconcentrando os funcionários. Os territórios para leitura e consulta ganharam maior visibilidade, a partir de sua unificação num único ambiente sequenciado até áreas mais silenciosas, mas ainda assim visíveis. O balcão de atendimento tomou uma forma convexa, avançando no território de leitura, constituindo o marco da entrada e controle, permitindo a visibilidade de todo recinto.

A identidade teve conflitos relacionados a elementos espaciais que conferiam familiaridade do usuário com o ambiente, proporcionando a identificação dos territórios e permitindo a compreensão de cada território como uma sequência significativa e ordenada de funções. A mera sucessão de setores no recinto da biblioteca, sem significados que se articulassem, gerava enormes conflitos e conferia um ar de “provisoriedade” ao ambiente.

A ambiência foi percebida através de conflitos de manutenção dos ambientes, paredes, mobílias e divisórias. Em alguns casos, a falta de cuidado estava relacionada ao mal estado de conservação. Noutros casos, entretanto, o descuido pareceu consciente, uma vez que algumas atividades eram visíveis e tinham um aspecto de desordem, como o setor de restauro de livros.

Os resultados demonstraram que os conflitos observados nas interações entre as pessoas e o espaço revelaram fenômenos existenciais por sua vez relacionados aos elementos físicos. Esses são os fenômenos que conferem habitabilidade ao espaço e só foi possível determinar o tipo de elemento identificando e relatando pormenorizadamente cada conflito. Nesse sentido, é necessário elucidar a técnica de leitura das espacializações que se mostrou eficiente para identificar os conflitos *tanto no campo da arquitetura quanto administrativo*.⁵

A descrição dos conflitos e sua análise deu origem a um documento contendo, o que se resume a seguir:

5.1. DESCRIÇÃO DOS CONFLITOS

5.1.1 *Visibilidade do Balcão de Empréstimo X Fluxo de Pessoal.*

O balcão de empréstimo estava localizado em um ponto de passagem e, além disso, não oferecia dimensões adequadas para comportar a demanda sem prejudicar a visibilidade do corredor de passagem. O espaço interno também não era suficiente para comportar mais de um funcionário, sendo que nos horários de maior movimento fazia-se necessária a presença de até três ao mesmo tempo.

⁵ O primeiro passo é compreender que a abordagem científica que apoia a teoria utilizada trata de entender como a aparência se relaciona com a essência dos objetos. Essa abordagem é a da fenomenologia e se caracteriza como uma tentativa e como uma reação que pretende recuperar a dimensão existencial em todas as áreas do saber. O enfoque fenomenológico, na técnica utilizada para as leituras de espacializações é uma tentativa de fazer a convergência das contribuições de diversas áreas do saber para o campo da Arquitetura, uma vez que se considera em todas elas o que se resgata a dimensão da existência humana, indagando sua finalidade o que dá sentido ao fazer do homem, compreendendo-o como totalidade com seu meio ambiente e sua presença no mundo como realização, através de diversas expressões, espaciais, sociais, etc.

5.1.2 *Balcão de Empréstimo X Catálogo de Consulta.*

Observou-se que a proximidade entre o balcão de empréstimo e o catálogo de consulta, aliada ao grande número de pessoas que por vezes necessitavam utilizá-los ao mesmo tempo, frequentemente causava tumulto. Essa constatação provocou o surgimento de uma demanda por um espaço maior e/ou mais adequado para esses serviços, para que um não interferisse no outro.

5.1.3 *Acesso às Coleções Especiais, Slides, Fitas de Vídeo, Materiais*

Especiais X Espaço Administrativo.

O espaço de funcionamento administrativo e o de diversas coleções entravam em concorrência, causando interferência mútua entre o andamento das rotinas administrativas e o conforto e acessibilidade dos usuários.

5.1.4 *Acesso às Coleções Especiais, Slides, Fitas de Vídeo, Materiais*

Especiais X Privacidade nos Setores Administrativos.

A falta de privacidade nos setores administrativos internos dificultava a concentração e, conseqüentemente, a qualidade do serviço executado. A chefia e os funcionários eram obrigados, muitas vezes, a se deslocar de seu setor de trabalho para outras áreas, como por exemplo a "copinha" ou mesmo para a rua, quando precisavam ter uma reunião ou conversa particular.

5.1.5 *Espaço para Consulta ao Cd-Rom ("Art Index") X Serviço Tutelar.*

Por se tratar de um serviço de pesquisa bibliográfica no computador, é necessária a presença de uma pessoa orientando os usuário quanto ao uso do software. Além do usuário e do

funcionário que o orienta, algumas vezes havia ainda a presença de acompanhantes no local, o que tornava o já restrito espaço ainda mais exíguo.

5.1.6 Necessidade De Silêncio Para Estudo Individual X Ruído.

Há na parte posterior da Biblioteca uma área de silêncio reservada ao estudo individual. No entanto, o silêncio é quebrado pela própria circulação dos funcionários que se destinam às áreas de serviço e lá permanecem durante os intervalos para café e almoço, bem como o barulho provocado pelo abrir e fechar das portas. Além disso, há também ruídos advindos de áreas externas ao local que prejudicam a manutenção do silêncio nesse espaço (festas e conversas fora do prédio). Nas proximidades da área de silêncio haviam mesas de estudo coletivo e mapotecas que também interferiam na quebra do silêncio, devido as conversas dos usuários que as utilizavam, ruídos provocados pelas gavetas da mapoteca e ruídos provocados pelo piso de madeira que serve de revestimento nessa área.

5.1.7 Áreas Privativas para Guarda de Objetos Pessoais de Uso Pessoal

X Segurança.

Não existia local adequado para que os funcionários guardassem seus pertences com conforto e segurança, sendo que o local existente foi improvisado em meio a uma área de livre circulação de pessoas e sobre a mesa de restauro de livros.

5.1.8 Conforto Visual X Baixa Luminosidade.

A inadequação direcional das lâmpadas que iluminam as estantes fazia com que elas aparentassem baixa luminosidade.

5.1.9 Trânsito com o Carrinho de Reposição X Espaço entre Estantes.

O carrinho de reposição de material bibliográfico, além de ser muito grande, dificultava o trânsito entre as estantes, e era de difícil manuseio por não ser ergonômico.

5.1.10 Acessibilidade para Portadores de Necessidades Especiais X Fluxo de Trabalho,

Altura e Distância entre Estantes, Degraus, Altura dos Catálogos e Mapoteca.

Nas disposições do mobiliário e espaço interno da Biblioteca não se notava uma preocupação com a questão do espaço e acessibilidade para o portador de necessidades especiais, não existindo, por exemplo, a possibilidade de uma pessoa em cadeiras de rodas circular entre as estantes, permitindo seu acesso às prateleiras de livros, ao mesmo tempo que outros usuários ou funcionários estivessem passando pelo local. Os desníveis existentes entre os pisos não possuíam rampas seguras e na inclinação adequada, a altura dos catálogos de consulta assim como das estantes de livros não permitia o livre acesso aos serviços que todos usuários da Biblioteca têm direito. Além disso, os sanitários com dimensões e características para permitir acessibilidade estavam localizados dentro da área administrativa.

5.1.11 Rotina de Restauro de Livros X Outras Rotinas Administrativas.

Não existia um local adequado para o restauro de livros. Esse serviço necessitava de um espaço maior, mais arejado e com equipamentos mais adequados. Além disso, o espaço encontrava-se sobrecarregado devido ao grande número de mesas e pessoas que circulavam pelo local.

5.1.12 *Rapidez nas Atividades X Rotinas Intervalares de Trabalho (Café, Água, Geladeira, Etc).*

A distância entre a copa e a área de efetivo exercício das atividades dos funcionários não satisfazia as exigências de rapidez próprias dos serviços de atendimento ao público.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Através da correlação entre os conflitos e a territorialidade, privacidade, identidade e ambiência foi possível identificar o elemento espacial que necessitava ser melhor trabalhado. A partir daí foram propostas soluções emergenciais. Em alguns casos, bastou um simples remanejamento dos elementos espaciais. Foi o que aconteceu na proposição para o item "conforto visual". As estantes em ângulo perpendicular foram redistribuídas de maneira paralela à iluminação, eliminando o tipo de conflito enunciado. Da mesma forma, no item "rotinas de restauro de livros", foi disponibilizada uma antiga sala de depósito para onde foi transferido o funcionário responsável pelo serviço e seus materiais de trabalho. Enfim, soluções que dependiam apenas do remanejamento de lay-outs ou pequenas reformas de custo insignificante foram e estão sendo implementadas.

Mas em outros casos a coisa não foi tão simples. As soluções para muitos dos problemas identificados necessitava mais do que o esforço dos bibliotecários e da direção. Envolviam algumas vezes um investimento, embora de baixo-custo, acima das possibilidades orçamentárias da Escola. Outras vezes, envolviam mudanças de hábitos adquiridos culturalmente, como é o caso da difícil solução para os problemas do item "silêncio". No que diz respeito ao afastamento das áreas de estudo individual e coletivo, por exemplo, foi buscada uma solução ideal que pareceria resolver o problema, com a criação de uma área de silêncio isolada por uma divisória para estudos individuais. No entanto, nas áreas de estudo

coletivo o problema se manteve ou talvez tenha até aumentado pelo fato dos usuários se sentirem livres para conversarem na altura que desejarem.

Para implementação das mudanças envolvendo maior demanda de gastos e pessoal buscou-se a formação de parcerias envolvendo tanto mecanismos públicos quanto privados. Um bom exemplo disso foi a solução emergencial buscada para o item "dimensões do balcão de empréstimo". Foi solicitado pelo professor da disciplina "Uso do aço inox na arquitetura" aos seus alunos, a confecção de um projeto para o novo balcão da biblioteca, como parte das atividades de campo da disciplina. Foi realizada a escolha do melhor projeto e buscou-se junto a empresas fornecedoras de aço inox e vidro o fornecimento dos materiais. A montagem do balcão encontra-se em fase adiantada de acabamento.

Por outro lado, parte dos problemas apontados persistem devido às reconfigurações espaciais e à nova dinâmica do processo fenomênico a elas associados.

7 CONCLUSÃO

Em virtude do aparecimento de novas tecnologias informacionais e da ampliação do acervo e do número de freqüentadores, o antigo espaço físico carecia de um redimensionamento para proporcionar maior eficiência nos serviços prestados, seguindo normas e padrões estabelecidos para lay-outs de bibliotecas, evitando assim desperdícios de área. Ao mesmo tempo, buscou-se adequar essas normas à realidade administrativa atual, levando em consideração, pela metodologia adotada, a percepção que as pessoas tinham do espaço que freqüentam.

O estudo revelou a importância de um trabalho de visão ampla e realizado em equipe. A participação da comunidade revelou-se essencial para o sucesso do processo.

Para a realização desta pesquisa e eventuais soluções dos conflitos detectados a Biblioteca viu-se obrigada a recorrer às formas alternativas de gestão de conflitos que demandassem maiores gastos financeiros . A principal forma alternativa utilizada foi a parceria com empresas e instituições.

Muitos dos conflitos revelados pela análise ainda encontram-se sem solução, mas muitos deles foram solucionados com sucesso. Problemas de cultura local e nacional dificultam a implantação de algumas soluções, ao passo que outras dependem de maiores recursos.

A reestruturação do espaço está se processando de forma gradual e os resultados obtidos já permitem revelar algumas melhorias. No entanto, será necessário um novo estudo mais aprofundado para se avaliar a verdadeira eficácia de todas as soluções propostas, tanto no seu aspecto arquitetônico quanto no aspecto administrativo.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSUMPÇÃO, Paulo Regis, OLIVEIRA, Leonilha Maria Brasileiro de. Anteprojeto de construção da nova sede para a Biblioteca Central da UNIFOR. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 6, 1989, Belém. *Anais...* Belém: MEC, 1990. p.139-156.
- CRITELLI, Dulce Mára. *A analítica do senado*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- FISCHER, G. N. *Psychologie des espaces de travail*. Paris: Armand Colin, 1989.
- HEIDEGGER, Martin. *Being and time*. Londres: Harper & Row, 1962.
- KOROSEC-SERFATY, P. *The case of newly constructed zones: freedom, constraint and appropriation of spaces*, [s.n.t].
- MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1990.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- MOSQUEIRA, Cláudio Mafra (Coord.) Simpósio sobre arquitetura de bibliotecas universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2, 1981, Brasília. *Anais...* Brasília: CAPES, 1981. p. 96-131.
- PEREZ - GOMEZ, Alberto. *La génesis y superación del funcionalismo em arquitectura*. México: Limusa, 1980.
- RAPOPORT, Amos. *Aspectos humanos de la forma urbana: hacia una confrontación de las ciencias sociales com el diseño de la forma urbana*. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.
- SANDOVAL, Elza M.S. Implantação organização e mudança de bibliotecas de porte médio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1992, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação Paulista de Bibliotecários, 1992. p.339-343.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difusão, 1980.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS . Escola de Arquitetura. Biblioteca. *Análise da situação funcional do espaço físico da Biblioteca da EA/UFMG: alternativas para soluções emergenciais*. Belo Horizonte: EA/UFMG, 1997. 22p.